

Recomendação

Dia Internacional da Mulher

No dia 8 de março celebra-se o Dia Internacional da Mulher.

Neste dia, evocam-se e atualizam-se as lutas travadas, ao longo de décadas, por mulheres de todo o mundo, que tantas vezes perdem a vida na defesa e na conquista de direitos laborais, sociais, do direito à educação, à determinação, ao corpo, à dignidade e ao voto.

Foi em 1910, por proposta de Carla Zetkin, professora, jornalista, política alemã, e figura histórica do feminismo, e durante a Segunda Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, que se propôs a criação de uma celebração anual das lutas pelos direitos das mulheres trabalhadoras, proposta esta que viria a ser assinalada numa jornada anual de manifestação pelo direito de voto para as mulheres, pela igualdade dos sexos e pelo socialismo. Porém, só um ano depois o primeiro Dia Internacional da Mulher foi comemorado a 19 de março de 1911. Posteriormente, a comemoração passaria a ocorrer no dia 8 de março.

Desde então, este dia é celebrado em diversos países e, em 1975, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) determinou assinalar aquele como o Ano Internacional da Mulher, adotou o 8 de março como o Dia Internacional da Mulher com o objetivo de garantir a memória das conquistas sociais, políticas e económicas das mulheres, independentemente de diferenças nacionais, étnicas, linguísticas, culturais, económicas ou políticas.

Contudo, e volvido o centenário da celebração desta data, a sua pertinência e urgência mantêm-se e a conquista de direitos para as mulheres tem de ser feita todos os dias.

Veja-se, por exemplo, que a taxa de alfabetização das mulheres no mundo continua a ser inferior à dos homens (80% por contraponto a 89% dos homens). Veja-se que cerca de 700 milhões de mulheres em todo o mundo casam antes dos 18 anos de idade, sendo que cerca de um terço destas casou com menos de quinze anos de idade. Veja-se também como em todo o mundo, segundo estimativas, há cerca de 200 milhões de mulheres violadas nos seus direitos quando são forçadas à Mutilação Genital Feminina - remoção parcial ou total da genitália externa da mulher, por razões não médicas - realizada quando as vítimas são ainda crianças ou jovens, por vontade da família e do grupo social onde se inserem.

Também em Portugal as desigualdades são patentes: as mulheres auferem salários mais baixos do que os homens, recebendo, em média, menos 18% de salário base (e menos 20,9% de salário médio), o que significa que precisam trabalhar mais 65 dias por ano para que o seu salário seja equiparado ao dos homens. Cinco (5) profissões são responsáveis por 37,3% do emprego feminino, entre as quais se destacam trabalhadoras de limpeza, vendedoras em loja, empregadas de escritório, professoras dos ensinamentos básico (2º e 3º ciclos) e secundário, e trabalhadoras de cuidados pessoais nos serviços de saúde.

As mulheres são as mais afetadas pelo desemprego e continua a impor-se sobre elas uma dupla jornada de trabalho. A conciliação da vida familiar e profissional continua a ser encarada como uma responsabilidade que incube ainda à mulher.

As mulheres continuam a ser vítimas de violência doméstica e a morrerem às mãos dos seus companheiros. De acordo com dados da União de Mulheres Alternativa e Resposta - UMAR, no período de doze (12) anos - 2004 a 2016 - ocorreram 454 femicídios e mais de meio milhar de

tentativas de femicídio. Das 454 mulheres assassinadas nestes 12 anos, 378 foram-no em contexto de relações de intimidade presentes ou passadas.

Há onze (11) anos, em Portugal, as mulheres que decidiam interromper a gravidez eram perseguidas, julgadas e presas e, aquelas que tinham menos recursos e recorriam ao aborto ilegal, muitas vezes acabavam por morrer ou ficar com complicações de saúde que as acompanhavam para toda a vida.

No que respeita à atividade política, há a assinalar que a participação das mulheres tem ainda um caminho a percorrer. Veja-se que o resultado das eleições legislativas de 2015 determinou que em 230 deputados, apenas 76 fossem mulheres, o que corresponde a um terço.

Mas está a ser trilhado um caminho que nos enche de esperança e que serve para nos recordar que a conquista tem de ser feita todos os dias, pelo que o dia 8 de março reveste-se duma dupla importância: lembra-nos das conquistas e avanços já alcançados na promoção dos direitos das mulheres e na igualdade de género, e serve para assinalar tudo aquilo que ainda falta fazer, o caminho que falta percorrer.

Não podemos deixar que os direitos fundamentais das mulheres sejam uma questão de sorte: relativos ao país onde se nasce, à cultura, à religião ou à família.

A luta das mulheres tem de ser a luta de todas as mulheres: trabalhadoras, desempregadas, emigrantes e imigrantes, refugiadas, casadas, solteiras, mães, inférteis, escolarizadas, analfabetizadas, católicas, muçulmanas, judaicas, ateias, lésbicas, transexuais. Toda e qualquer mulher em qualquer parte do mundo exige o empenho e a mais profunda solidariedade.

Desejamos que um dia o 8 de março seja celebrado apenas pelo seu simbolismo histórico e não para marcar aquilo que ainda falta fazer para uma plena igualdade de géneros.

O dia 8 de março é o Dia Internacional da Mulher.

O dia 8 de março é o dia de reconhecer e atualizar as lutas feministas.

O dia 8 de março é o dia de recusar o silenciamento de género.

Pelo exposto, a Assembleia Municipal de Tavira reunida a 27 de fevereiro de 2018, delibera:

- Saudar o Dia Internacional da Mulher.

Tavira, 26 de fevereiro de 2018.